



Andrés Saez Geoffroy (2021) *Geografía, política y pensamiento militar en época antonina. Una visión del Imperio Romano en el siglo II. Temuco-Chile: GEIMA Historia Antigua Ediciones, 324p. ISBN: 978-956-09579-1-7*

Henrique Modanez de Sant'Anna (Universidade de Brasília)

modanez@unb.br

O século II E.C. é, sem dúvida, um dos períodos mais interessantes da história romana. Foi no início desse longo século que o império atingiu sua maior extensão sob Trajano, em seus 19 anos de governo (98-117), servindo até hoje como exemplo em centenas de mapas de livros didáticos para ilustrar a magnitude do poderio romano no Mediterrâneo antigo. Foi também a época dos chamados “cinco bons imperadores” (Nerva, na verdade, governou entre 96-98), sendo Adriano o responsável pela construção de uma fortificação no norte da Inglaterra que carrega o seu nome, e Marco Aurélio a figura mais persistente na imaginação popular em razão das suas ponderações estoicas. O século II assistiu ainda, em seu último quarto, o fim do que se convencionou classificar entre historiadores como *pax romana* ou os cerca de 200 anos de prosperidade impulsionada por indiscutível hegemonia política, supremacia militar e, claro, uma boa dose de propaganda imperial. Em se tratando do oriente romano, não passam despercebidas a compilação ptolomaica sobre astronomia e geografia (um verdadeiro atlas e um tratado sobre cartografia) e a revolta judaica de Bar Kochba ocorrida entre 132-135.

É esse o período coberto pelo livro que ora se resenha. São essas, em maior ou menor grau, as questões que lhe interessam. Seu tema central, como o próprio autor argumenta, é a “complexa relação entre a construção do

pensamento geográfico, os ideais estratégicos e como estes configuraram no século II uma ideologia militar romana que se expressou no exército romano (...)" (p. 13) Trata-se de uma obra que reavalia a aplicação de conceitos tradicionais na literatura especializada como o de "grande estratégia", além de explorar questões como a que o autor rotula de "mentalidade geográfica" da época antonina. Deriva da sua pesquisa de doutoramento, mas não é seu equivalente exato. Suas 324 páginas resultam de uma seleção do material doutoral, bem como do seu amadurecimento no decorrer de alguns anos de investigação após a conclusão do doutoramento (contam-se quase 4 anos desde a defesa da tese na Universidade de Barcelona e a publicação da obra em 2021).

Como livro, conta com dez mapas, uma sequência interessante de moedas do período e de regiões variadas (precisamente: Hispânia, Egito, África, Britânia, Judeia e Dácia) e uma lista de unidades militares do século II, sendo esta um total de 313. A lista de unidades é fruto de trabalho muito pormenorizado e sistemático, provendo informações difíceis de encontrar em estado tão organizado e ilustrativo. As moedas, no entanto, poderiam trazer mais informações e qualidade gráfica superior. As da Dácia, da Mauritânia e da Capadócia são praticamente incompreensíveis. Sobre os mapas, poderia ter sido dada mais atenção no encaixe dos mesmos nas páginas, porque ora são levemente distorcidos ora apresentam leves cortes na imagem. Nenhum deles, no entanto, impede a ilustração pertinente. Quanto à bibliografia, que é bem escolhida e relacionada (ainda que pudesse ser enriquecida com produção bibliográfica em alemão e italiano), o leitor desfrutaria de maior conforto se as fontes antigas estivessem destacadas dos estudos consultados.

O livro encontra-se dividido em sete capítulos, dos quais apenas o segundo (uma discussão conceitual de dez páginas sobre territorialidade romana) não possui subcapítulos, somados, no início, ao prólogo e à introdução e, no fim, às considerações finais de 20 páginas e à bibliografia. Os capítulos apresentam robustez e boa conformação: de uma discussão sobre o contexto imperial no século II (o ponto de partida introdutório e incontornável, considerando-se que o leitor pode ser um leigo interessado no tema do livro) passa-se à análise conceitual ligada à territorialidade romana (capítulo 2) e da chamada "mentalidade geográfica" romana (capítulo 3). Não está claro o que o autor considera ser esta mentalidade geográfica porque não a discute extensamente,

mas deduz-se, a partir da erudita análise da história das anexações e das campanhas militares do período, feita inclusive com a interpretação de evidências oriundas de fontes epigráficas, que se possa tratar de uma espécie de espírito do tempo ou mesmo de um pensamento tipicamente romano sobre a questão. Permanece indefinida, no entanto, a extensão dessa mentalidade, especialmente quando se considera a complexa constituição social do Império.

Os próximos capítulos dão seguimento à proposta de abordagem do tema de pesquisa. Em primeiro, discute-se a visão geográfica dos escritores da época antonina (capítulo 4), com ênfase nas ideias de *orbis terrarum* e ecúmeno na época antonina. Em seguida, passa-se à análise dos elementos militares e estratégicos sob os antoninos (capítulo 5). Aqui, propôs-se primeiro uma discussão sobre política militar e grande estratégia. Tradicionalmente, entende-se como tática na história militar o que ocorre ao alcance dos canhões (ou simplesmente em campo de batalha) e estratégia como o que ocorre fora do seu alcance, diretamente ligado, portanto, às linhas de abastecimento e demais questões de natureza logística e que podem ou não conduzir à ação em campo de batalha. O conceito de grande estratégia, no entanto, é mais complexo e remonta a uma polêmica discussão historiográfica que incide diretamente na própria compreensão histórica do império romano. O autor dá como ponto de partida a obra de Edward Luttwak,¹ e daí desenvolve um excelente balanço historiográfico sobre a questão, com uma conclusão em prol de uma definição do pensamento estratégico romano que permite que o leitor entenda seu posicionamento razoavelmente bem em terreno tão complexo. Dentre os itens mais importantes, destaca-se a necessária observação de uma atualização de um sistema cultural no decorrer de quase 150 anos e a centralidade da figura do imperador na tomada de decisões.

Os dois últimos capítulos que antecedem as conclusões (item 8) e a bibliografia (item 9) se ocupam com o sistema ideológico e os imperadores no pensamento estratégico romano e com a geopolítica da formação militar e das unidades militares na época estudada. O último destes capítulos tem como ponto alto a discussão bipartida sobre a formação da elite romana e dos combatentes, isto é, aqueles que se colocavam (voluntaria ou forçosamente) à disposição dos

¹ Edward Luttwak (1976) *The Grand Strategy of the Roman Empire from the First Century AD to the Third*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press.

comandantes antoninos. Estavam organizados entre legionários e tropas auxiliares e carregavam consigo questões ligadas, por exemplo, às condições de seu recrutamento e de sua distribuição geográfica. Tal investigação, que o autor encaminha com interessantes dados estatísticos, é fundamental não apenas para uma apreciação correta do que eram as “muralhas marchantes de Roma”, mas também o funcionamento da própria política imperial romana. Afinal, o exército é também evidência para a organização social e distribuição geográfica do próprio Estado.

Andrés Sáez Geoffroy propôs uma investigação difícil por algumas razões. Em primeiro, por se ocupar com um dos períodos mais estudados da história romana, o que demanda um diálogo historiográfico atualizado ao mesmo tempo em que obriga clareza quanto ao acréscimo científico feito ao debate em seu último e mais refinado estágio. Em segundo, porque os estudos clássicos, com algumas exceções, têm se afastado da história militar. Em terceiro, porque a reconstrução do pensamento geográfico romano e a partir dele a reconstrução da própria ideia estratégica no Império Romano no século II (nas palavras do próprio autor) requer uma análise refinada da cultura de elite romana que seja consistente com a própria noção de que o império operava em uma vasta extensão territorial. Por tudo isto, é importante que o autor tenha, em suas conclusões, pontuado as cinco contribuições da obra ao debate (p. 283-284). Finalmente, deve-se acrescentar que Geoffroy executou sua investigação magistralmente bem, proporcionando ao leitor uma boa discussão historiográfica, sem deixar de lado a apreciação das fontes antigas (inclusive epigráficas e numismáticas) que asseguram ao seu argumento uma base de evidências bastante satisfatória.

Data de publicação: 12/04/2024